



**CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO/ CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA**

VALDETE DA SILVA MARQUES

**O ATO DE LER E ESCREVER NA EJA: UM ESTUDO DE CASO NA
ESCOLA LUIZ BARBOSA. EM ARAÇAGI/ PB.**

**GUARABIRA – PB
2010**

VALDETE DA SILVA MARQUES

O ATO DE LER E ESCREVER NA EJA: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA LUIZ BARBOSA. EM ARAÇAGI/ PB.

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Guarabira, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Professora Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira.

**GUARABIRA – PB
2010**

*FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB*

M357a	Marques, Valdete da Silva
	O ato de ler e escrever na EJA: o estudo de caso na Escola Luiz Barbosa – Araçagi – PB / Valdete da Silva Marques. – Guarabira: UEPB, 2010.
	45f.
	Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC) – Universidade Estadual da Paraíba.
	“Orientação Prof. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira”.
	1. EJA 2. Leitura e Escrita 3. Dificuldade de Aprendizagem I. Título.
	22.ed. CDD 374

VALDETE DA SILVA MARQUES

O ATO DE LER E ESCREVER NA EJA: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA LUIZ BARBOSA. EM ARAÇAGI/ PB.

Aprovada em 17 de dezembro de 2010

BANCA EXAMINADORA

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Profª. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB
(Orientadora)

Silvânia Lucia de Araujo Silva

Profª Ms. Silvania Lucia de Araujo
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte-UERN
(Examinadora)

José Otávio da Silva

Profª. Ms. José Otavio da Silva
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB
(Examinadora)

GUARABIRA – PB

2010

Dedico este trabalho aos meus pais, esposo e filhos: José Leite da Silva Segundo, Maria do Carmo da Silva, Wamberto Marques da Silva, José Diêgo da Silva Marques, João Diógenes da Silva Marques e Viviane da Silva Marques.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai inseparável, Condutor dos meus passos, e Mestre dos meus conhecimentos por me dar o dom da sabedoria para superar os momentos difíceis, por me dar também o dom da inteligência para compreender conteúdos trabalhados nesta etapa de crescimento intelectual.

A toda a minha família, pelo apoio, compreensão e pela ajuda na realização deste trabalho;

Aos meus amigos e colegas, por estarem sempre ao meu lado;

A todos os meus professores do Ensino Fundamental, Médio e Superior;

A professora de EJA Maria da Glória Gonzaga e aos alunos observados, pelo enorme carinho no qual me receberam, quando estive coletando informações para a minha pesquisa;

A minha orientadora a Professora Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira, pela paciência, dedicação e compreensão com que me atendeu durante o período que estávamos trabalhando juntas;

Aos membros da Banca Examinadora, por terem aceitado o convite de participar da avaliação deste trabalho monográfico;

Aos funcionários da UEPB e a todos os professores da mesma, que tiveram verdadeira responsabilidade e compromisso com a nossa formação de futuros professores;

Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Meu muito obrigada!

“A leitura do mundo precede a leitura da
palavra”.

(Paulo Freire)

RESUMO

Este trabalho objetiva fazer um estudo de caso analisando as dificuldades de leitura e escrita dos alunos da EJA no 2º ciclo da Escola Luiz Barbosa no Sítio Canafístula, Município da cidade de Araçagi-Pb. Além disso, é interesse nosso compreender as causas das dificuldades apresentadas pelos alunos analisando a metodologia utilizada pela professora no processo de leitura e escrita com os alunos da turma observada bem como o que levou esses alunos a não desenvolver a compreensão da leitura e da escrita. Para tal, utilizamos técnicas de observação em pesquisa participativa, entrevista e atividades relacionadas à construção da leitura e da escrita com os sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem, como também respaldo teórico em autores como Freire (2001), Teberosky (1993), Magda Soares (2008), Ângela Kleimam (1995), entre outros, para entendermos melhor como proceder com as dificuldades em questão.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. EJA. Dificuldades de Aprendizagem.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALFASOL- Programa Alfabetização Solidária

CH- Centro de Humanidades

CUT- Central Única dos Trabalhadores

DF- Distrito Federal

EDURURAL- Educação Rural

EJA- Educação de Jovens e Adultos

MEC- Ministério da Educação e Cultura

MOBRAL- Movimento Brasileiro de Alfabetização

ONGs- Órgãos Não Governamentais

PB – Paraíba

PCPEJA- Proposta Curricular para Educação de Jovens e Adultos

PROF^o - Professor (a)

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UERN- Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	12
1.1 Breve estudo.....	12
1.2. A História da EJA em Araçagi-PB.....	13
1.3 A contribuição das Ongs para EJA em Araçagi/PB.....	14
1.4 Atuação da Alfabetização Solidária	15
1.5 O Programa Brasil Alfabetizado em Araçagi/PB.....	15
2. A LEITURA E A ESCRITA.....	17
2.1 Definição de Leitura e Escrita.....	17
2.2 Compreensões de Letramento.....	20
3. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	25
3.1 Descrevendo Canafístula.....	25
3.2 A Escola.....	25
3.3 O lócus da pesquisa: A Sala De Aula.....	26
3.4 Perfil da turma.....	26
3.5 Perfil da Professora.....	27
3.6 Relatos das observações em sala de aula A Escola.....	27
3.7 Análises das atividades realizadas pelos alunos em sala de aula.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Neste estudo, trabalhamos as dificuldades de leitura e escrita, com alunos do segundo ciclo do primeiro segmento da EJA, buscando propiciar uma sequência de pensamentos organizados, capaz de levá-los a uma postura reflexiva e crítica da realidade em que se encontram, pois acreditamos que, através do diálogo e da leitura de mundo, o desenvolvimento da leitura e da escrita dar-se-á de forma prazerosa, contribuindo para um resultado mais eficaz deste processo.

O que nos impulsionou à escolha desta temática foi a dificuldade que os alunos apresentam na leitura e na escrita, e como o indivíduo, seja ele criança ou adulto, conquista novos horizontes ao adquirir o domínio da leitura e da escrita, como também passa a compreender melhor sua visão de mundo.

Ao observarmos as dificuldades de leitura e escrita dos alunos da EJA, desenvolvemos um estudo a fim de apresentar possíveis soluções diante da problemática existente.

O trabalho objetiva descobrir as dificuldades que estes alunos apresentam, uma vez que os mesmos possuem um histórico de passagens repetidas de séries anteriores. Para desenvolvimento desta pesquisa, elegemos a única turma da escola em que estão matriculados onze alunos, sendo oito jovens adolescentes e três senhoras em fase de alfabetização, na escola municipal de ensino fundamental Luiz Barbosa no sítio Canafistula município de Araçagi-PB.

Sabemos que o método tradicional ainda é uma prática constante encontrada nas salas de aula das séries iniciais, comprometendo, assim, o rendimento escolar dos alunos. A utilização de posturas errôneas por parte do educador, como também as aulas tediosas, em que a rigidez e o silêncio são dominantes, evidenciam os sinais do método tradicional de ensino, tornando a sala de aula um espaço desprovido de um ambiente agradável e propício à aprendizagem. Outro fator agravante está na vivência do aluno que não é respeitada e aproveitada como incentivo ao processo de desenvolvimento da aprendizagem, para uma boa aquisição dos conteúdos apresentados e trabalhados em sala de aula, desta forma, tais características surgem como meios de bloqueios para o ensino aprendizagem e captação da leitura, que, mais tarde esses alunos buscarão na Educação de Jovens e Adultos como meio de superação do fracasso escolar.

Logo, esses motivos nos levaram a compreender as dificuldades de leitura e de escrita que os alunos apresentam e para nós a contribuição que este estudo pode dar será no entorno da ampliação deste discurso no campo da EJA, como também para a comunidade específica.

Este estudo é de grande importância para nosso desenvolvimento profissional e pessoal, uma vez que acreditamos que, através da pesquisa participativa, buscamos conhecimento de causa, que nos fortalecerão para a conclusão do processo de compreensão das dificuldades apresentadas pelos alunos e compreendermos melhor os alunos que ingressam na Educação de Jovens e Adultos, permitindo, assim, uma troca de experiências que tornará nossa pesquisa mais eficaz.

1. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

1.1 Breve estudo

A Educação de Jovens e Adultos, por muito tempo vem lutando por espaço em meio ao contexto educacional brasileiro para superar sua fragmentação, atender aos seus anseios e procurar se firmar socialmente. No Brasil, ela começa com os Jesuítas, através da preocupação em alfabetizar os índios, por volta de 1549 e se estende até a década de 1950, tal fato vem atrelado à simples preocupação do ato de ensinar a ler e escrever (Cf. PAIVA, 2003).

A partir da década de 1960, a EJA ganha outro sentido, o ensino é visto numa perspectiva crítica, proposto por Paulo Freire, através de uma proposta de alfabetização. Essa proposta voltou-se para o atendimento às classes populares, valorizando uma educação consciente frente à realidade vivida pelos educandos adultos. O golpe militar sufoca as idéias de Freire e novamente surgem empecilhos para o não andamento dessa modalidade de ensino, tornando, assim, uma educação restrita ao ler e escrever (PAIVA,2003).

Na década de 1980, a Educação de Jovens e Adultos retorna a ter um caráter popular com intenções mascaradas pelo poder vigente. Esta educação intencionava o voto daqueles que conseguiram ser alfabetizados. A partir da década de 1990, a EJA ganha força através dos movimentos populares e não governamentais, para mostrar como o adulto escolarizado pode ser instruído e sua realidade transformada, saindo da condição de analfabeto para ser sujeito crítico e livre dos preconceitos sociais que tanto humilha e destrói sua auto-estima.

Entretanto, é importante marcar que, em meio a tantas lutas por uma educação de qualidade para os jovens e adultos que não tiveram acesso ao ensino regular, durante a década de 1960 e mesmo hoje, várias foram as campanhas que intencionaram erradicar o analfabetismo, embora com focos diferente temos: o Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL (1967), EDURURAL (1980), Projeto RONDON (S. D.), Programa Todas as Letras (CUT-2000), Alfabetização Solidária (1997), Brasil Alfabetizado (desde 2003), entre outras. Logo, as campanhas de alfabetização de jovens e adultos e o ensino supletivo foram recursos utilizados para aqueles que se dizem analfabetos deixarem a condição de marginalizados, a fim de elevar sua auto-estima social e garantir seus direitos.

Mas, um elo que pode trazer a garantia dos direitos à educação para os jovens e adultos refere-se à Lei de Diretrizes e Bases da Educação atual, a Lei Nº 9.394, que mesmo sob um orçamento mínimo, diz:

Art. 37 – A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º - Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Art. 38 – Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular (SAVIANI, 1997, p. 174-175).

1.2 A História da EJA em Araçagi-PB

No município de Araçagi-PB foco da nossa pesquisa, aconteceram algumas experiências de alfabetização, tais como: o Mobral, a Edurural, o Projeto Rondon, o Todas das Letras, da Central Única dos Trabalhadores, a Alfabetização Solidária e, atualmente, o Programa Brasil Alfabetizado. Estendendo-se nas escolas através do ensino fundamental que, para a EJA divide-se em 1º segmento que engloba a 1ª a 4ª série, e 2º segmento com 5ª a 8ª série. Então, vejamos como se deu essa atuação.

O Movimento Brasileiro de alfabetização, criado pela Lei nº 5.379 de 15 de dezembro de 1967 (PAIVA 2003), iniciou suas atividades em Aracagi/PB a partir de 1972. A meta era alfabetizar a população acima de 15 anos que não dominava a leitura e a escrita. A atuação do MOBREAL aconteceu tanto no campo como na cidade, como foi possível confirmar através dos relatos obtidos da ex-professora Severina Leite que alfabetizou várias pessoas durante quatro etapas da campanha. Vejamos o relato:

“Lembro que comecei na Mobral no ano de 1972. Tínhamos uma semana de treinamento em Araçagi. Era exigido o professor com 1º grau completo e no treinamento o professor tinha que expor um cartaz no quadro e cada um daria sua aula de acordo com o tema, porque iria trabalhar com o livro que também era trabalhado o tema e o cartaz que vinha era para ser explorado com os alunos para começar o processo de ensino. Era aceitável até 20 alunos de 12 anos em diante, estudavam marido e mulher e seus filhos jovens” (Severina L. Domingos, 65 anos).

Nesta mesma entrevista, a professora do Mobral relata as dificuldades enfrentadas, a partir da realidade dos alunos jovens e adultos, para prosseguir com o processo de alfabetização dos mesmos. Vejamos seu depoimento:

“Existiam várias dificuldades como o cansaço pelo trabalho na roça, a falta de água para beber, a falta de energia que não tinha naquela época, salário pouco e às vezes atrasado.

Para superação eu procurava incentivo, através de: rifa, lanche com bolo, etc. Os alunos traziam o rádio para dançar e dinamizar a aula tinha também o momento da história de vida de cada aluno que era muito bacana, os relatos de cada um. Eu ficava feliz quando ao final de cada etapa, a maioria dos alunos estava lendo e escrevendo palavras e frases. Essa campanha ajudou muita gente a sair do analfabetismo” (Severina L. Domingos, 65 anos).

Nota-se que, apesar das dificuldades vivenciadas no cotidiano dos alunos, não foram impedimentos para o desenvolvimento do processo de aprendizagem, contribuindo para aquisição de novos conhecimentos que serviram de estímulo ao mundo da leitura e da escrita, construindo, assim, cada um a sua história.

1.3 A contribuição das Ongs para EJA em Araçagi/PB

A participação dos Movimentos Sociais na EJA já se constitui em uma tradição histórica. Em Araçagi/PB, por exemplo, identificamos outras campanhas de alfabetização que atuaram no campo da EJA. Estas através do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, em parceria com a CUT, com o Edurural e o Projeto Rondon na década de 80. Também, no ano 2000, tivemos o Projeto Todas as Letras, que alfabetizou mais de cem pessoas, segundo relatos do atual presidente do sindicato. Vejamos:

“Essas iniciativas vieram somar o esforço de melhoria da condição do jovem e adulto que não tiveram êxito em seus estudos quando criança” (Josué Benício-STR).

Nota-se que todo setor, seja governamental ou não governamental, tem interesse em ver o Brasil sair da condição de país com altos índices de analfabetismo para que, cada vez mais, as instituições façam sua pequena parte na história da EJA.

1.4. A atuação da Alfabetização Solidária

O Programa Alfabetização Solidária – ALFASOL foi lançado no ano de 1996, em Natal, Rio Grande do Norte, com duração de seis meses, sendo um para treinamento dos alfabetizadores e cinco meses para desenvolver a alfabetização (SOARES, 2003).

Em 1998, o programa destacou-se no município de Araçagi-PB, por ser um programa em parceria com instituições governamentais e empresas privadas, tendo atuações em municípios com altos índices de analfabetismo.

Segundo relatos dos alfabetizadores da época, o Programa oferecia um treinamento de capacitação em Brasília/DF, aos professores e coordenadores antes do início do processo de alfabetização. Os alunos eram matriculados através da busca de cada professor; existia um livro com o método Dom Bosco, que trazia em seu conteúdo figura de palavras-chave para o desenvolvimento da alfabetização dos jovens e adultos que frequentavam as aulas.

Todavia o ALFASOL, como os demais, atuou por pouco tempo, conseguiu alfabetizar um considerável número de pessoas até seu término.

1.5 O Programa Brasil Alfabetizado em Araçagi/PB

O Programa Brasil Alfabetizado é o mais recente programa de alfabetização. Assegurado, na época, pelo governo federal intentou ampliar o processo de alfabetização dos jovens e adultos no Brasil. Foi lançado no ano de 2003, após o término da campanha Alfabetização Solidária. Estados e Municípios de todo Brasil atendem, pelo Brasil Alfabetizado, aos jovens e adultos sem escolaridade ou não alfabetizados. O objetivo atual vai além do ensinar a ler e escrever: "Criar oportunidade de alfabetização a todos jovens e adultos que não tiveram acesso ou permanência na educação fundamental" (IRELANDE, 2006, p. 04). Este programa iniciou suas atividades no município de Araçagi em 2005, com intuito de ampliar a alfabetização dos jovens e adultos, por ser uma cidade pequena com taxa de analfabetismo de 44,4% da população de 15 anos ou mais, e renda per capita de um salário mínimo (PEIFEJA), o Plano Estratégico de Implantação ou Fortalecimento da Educação de Jovens e Adultos.

O plano de ação tem como referência o Programa Brasil Alfabetizado, como justificativa para suprir a carência da proposta de alfabetizar àqueles que apresentam um nível

de letramento oral, mais que, por motivo ou outro, seja de ordem econômica ou social não desenvolveram a leitura e escrita. O programa desenvolve suas atividades através do apoio de coordenadores e professores, na execução dos trabalhos na alfabetização desses jovens e adultos.

O programa da oportunidade a todos os jovens e adultos não alfabetizados a sair desta condição social, para ser um sujeito construtor de uma história sentindo-se, um indivíduo capaz de ler uma carta, uma receita, ou fazer saque em caixa eletrônico.

Segundo a coordenadora do programa em Araçagi, além da alfabetização, o Brasil alfabetizado tem o projeto olhar Brasil, que veio para melhoria da aprendizagem dos alunos por realizar exames oftalmológicos e distribuição de óculos de grau aos alfabetizados, contribuindo, assim, para um desenvolvimento positivo no processo de leitura. Nota-se que o programa apresenta elementos concretos para a EJA. Entretanto, não se sabe se os resultados estão de acordo com o verdadeiro objetivo das diretrizes propostas pelo programa, porque não se deve avaliar só pela aparência, mas, pelos resultados obtidos através dos envolvidos. E conforme Gadotti, “Um programa de educação de adultos, não pode ser avaliado apenas pelo seu rigor metodológico, mas pelo impacto gerado na qualidade de vida da população atingida” (2001, p.32).

A história da EJA em todo Brasil vem sendo escrita através de muita luta por parte dos envolvidos no processo, os jovens e adultos, os quais procuram sair da condição social de analfabeto para inserir-se no mundo da leitura e da escrita. Estes, ainda encontram uma educação com falhas em toda sua esfera, seja no âmbito estrutural, político, pedagógico ou mesmo de aceitação e valorização do próprio aluno, como o ser principal desta história. As políticas públicas quase sempre se apresentam com má qualidade, fazem da escola primária a primeira barreira para o aluno que não consiga progredir em seus estudos. A escola não está preparada para entender o sujeito principal, que é o educando, torna-se o carrasco que levará o jovem, ou mais tarde, o adulto, a procurar a EJA, para adentrar no universo das letras, que depois de compreendida será o passaporte para um vasto mundo de descobertas e inovações, que só a educação poderá oferecer.

2. LEITURA E ESCRITA

A leitura e a escrita sempre tem sido um dos grandes problemas enfrentados na educação, visto que, nos dias atuais, para considerar uma pessoa alfabetizada, não basta apenas a decodificação dos códigos escritos, é preciso que se tenha um domínio amplo destas duas concepções. Ao dominar a leitura e a escrita, o indivíduo tem possibilidade de adquirir conhecimentos e participar da vida social, no contexto em que está inserido.

2.1 Definições de leitura e escrita

A leitura é um processo pelo qual o indivíduo reconhece o mundo a sua volta, seja através da leitura visual, tátil, oral ou silenciosa. Segundo Martins(1984), desde muito cedo começamos a ler:

Desde os nossos primeiros contatos com o mundo, percebemos o calor e o aconchego de um berço diferentemente das mesmas sensações provocadas pelos braços carinhosos que nos enlaçam. A luz excessiva nos irrita, enquanto a penumbra tranqüila. O som estridente ou um grito nos assustam, mas a canção de ninar embala nosso sono. Uma superfície áspera desagrada, no entanto um toque macio de mãos ou de um pano como que se integram à nossa pele. E o cheiro do peito e a pulsação de quem nos amamentam ou abraça podem ser convites à satisfação ou ao rechaço. Começamos assim a compreender, a dar sentido ao que e a quem nos cerca. Esses também são os primeiros passos para aprender a ler (1984 p.10).

Em outra perspectiva, a autora também se refere à leitura como algo essencial do ser humano, em que está presente em todos os momentos de sua vida e, conseqüentemente, leva-o ao processo de escrita por ambas estarem intimamente ligadas. Vejamos esta afirmação:

Se o conceito de leitura está geralmente restrito a decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural. Saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significa possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade, no caso à classe dos senhores, dos homens livres (MARTINS, 1984 p. 23).

A escrita sempre fez parte da humanidade: os primatas por exemplo, registraram através de figuras, rupestres sua vida cotidiana, seus medos e conquistas, servindo assim de meio de inspiração aos primeiros escritos alfabéticos. Segundo Teberosky(1995), a definição de escrita e linguagem escrita é:

A escrita alfabética é um sistema de notação específico, no qual os elementos, as letras, identificam segmentos fonológicos (consoantes e vogais). Mas, além disso, o sistema alfabético de escrita conta também com um conjunto de caracteres e convenções gráficas não-alfabéticas, tais como sinais de pontuação, maiúsculas, sublinhado e etc. Estes sinais refletem de forma gráfica qualidades da língua, qualidades que não são verbais, mas que servem para a comunicação por escrito (1995, p.09).

Saber ler e escrever também são atividades de comunicação, portanto, a leitura e a escrita são de fundamental importância para todos os seres humanos, devido o ato de ler e de escrever estar intimamente ligado com o nosso cotidiano. Em relação aos alunos de EJA, a leitura e a escrita tornam-se parceira em sua inserção na sociedade em que o domínio da leitura e da escrita é peça chave para o mercado de trabalho em que todos precisam estar inseridos. Nesse contexto, a escola assume papel preponderante para facilitar o acesso de grande parte da população brasileira à leitura e à escrita e ao benefício que esse acesso traz para todos.

A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptivo passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura (MARTINS, 1984, p.34).

Apesar da expansão dos meios audiovisuais, eles ainda não superaram a importância da leitura, pois o ato de ler envolve o indivíduo em um processo mental mais profundo e duradouro e quando esse mesmo indivíduo não desenvolve o gosto pela leitura não consegue dominar a escrita, contribuindo assim para sérias limitações no seu crescimento intelectual, econômico e político.

No caso de países como o Brasil, o que se vê com frequência são pesquisas apontando para a falta de hábito de leitura e de escrita de seu povo. Em muitos casos, sem levar em consideração que o acesso a determinados bens culturais não se realiza de forma igualitária e democrática, pois, ainda, vivenciamos problemas que dificultam a apropriação de diferentes segmentos sociais na herança cultural, veiculada na sociedade da informação,

seja através do objeto do livro ou dos meios eletrônicos. De acordo com a Constituição de 1988, o analfabetismo já deveria ter sido erradicado, entretanto o fracasso escolar sempre existiu na educação brasileira, que ficava centrado nas séries iniciais, quando os alunos não passavam, repetiam frequentemente e, com isso, deixavam a escola. Hoje esse fracasso continua e muitos desses alunos não conseguem ler nem escrever.

Dados do 5º Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf), realizado pelo Instituto Paulo Montenegro em 2005, mostram que 74% dos brasileiros adultos não conseguem ler textos longos, relacionar informações e comparar diferentes materiais escritos. Mesmo entre os que concluíram o Ensino Médio, 43% não possuem essas habilidades. É a prova de que a escola apenas perpetua essa exclusão, pois não está ensinando a utilizar a leitura para dar conta das demandas sociais para continuar aprendendo ao longo da vida (GURGEL, 2007, p.38)

Neste contexto, cabe à escola dar meios para uma boa aprendizagem da leitura e da escrita para que seus alunos possam desenvolver o gosto pela leitura e conseqüentemente da escrita.

Segundo Kleiman (2007), “uma das barreiras que o professor tem que negociar para poder ensinar a ler é a resistência do próprio aluno”. Neste sentido, ao quebrar estas barreiras, as condições de ensino vão, cada vez mais, ficando fluentes, e a leitura torna-se um ato prazeroso em que o aluno consegue quebrar seu preconceito interior. Desta forma, elas vão criando novos horizontes e despertando sentimento relacionado ao ato de ler, que não o deixará mais quieto e quando ele observar em sua volta que tudo faz parte da leitura, desde uma simples placa até um anúncio de jornal, e assim compreenderá que a leitura é de fundamental importância na vida do ser humano.

Dentro do processo de leitura e escrita, surge para os jovens e adultos atuantes neste processo, uma nova abordagem que complementa o universo alfabetizador dando sentido a todo processo de ensino aprendizagem, esta nova abordagem surge com força, fazendo valer todo conhecimento de mundo que os alunos da EJA trazem em sua bagagem. Estamos nos referindo ao letramento que, no Brasil, inicia-se com os estudos de Magda Soares, Ângela Kleiman e outros envolvidos na construção de uma educação que considere a pessoa letrada como ser capaz de inserir-se na sociedade excludente.

2.2 Compreensões de Letramento

A palavra **letramento** vem do inglês literacy: **letra-** do latim littera, e o sufixo-**mento**, que denota o resultado de uma ação. “Letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2006, p 18). Portanto, quando um indivíduo consegue sair da condição de analfabeto por meio da leitura e da escrita, ele torna-se letrado e um ser capaz de compreender o mundo em sua volta. Os alunos da EJA são capazes de dominar a leitura e a escrita, desde que sejam bem orientados. E para tal, o letramento é uma boa proposta, porque através dele pode-se trabalhar a leitura de uma diversidade de textos como: receitas, bulas de remédios, rótulos de embalagens, placas de sinalizações, listas de compras, entre outros elementos que fazem parte do seu cotidiano.

O trabalho através do letramento torna-se eficaz à medida que os alunos vão construindo seu próprio significado da leitura, para fazer uso da escrita de maneira correta. “Não basta saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente” (SOARES, 2006, p. 20).

Para autora supracitada, letramento é diferente de alfabetização, por esta ser a ação de ensinar ou aprender a ler e escrever. Já o letramento é uma especificidade que compreende a inserção do educando em suas práticas sociais de linguagem apresentando um nível de letramento oral, mais que, por um motivo ou outro, seja de ordem econômica ou social, não desenvolveu sua competência da cultura letrada. Neste sentido, os alunos da EJA, formam os sujeitos determinantes deste processo, por trazerem consigo vários conhecimentos adquiridos ao longo da vida, quando uma pessoa envolve-se em uma situação do cotidiano em que dela consegue sair com êxito só por meio de sua cultura letrada, esta pessoa faz uso das práticas de letramento. Neste caso, sem saber ler ou escrever, ela consegue usar a linguagem oral e visual, para se sobressair com sucesso, tornando-se assim um ser capaz de conquistar seus objetivos.

Na educação de jovens e adultos por meio do ensino de língua portuguesa são considerados dois pontos fundamentais no processo de leitura e escrita que são as linguagens, oral e escrita, servindo de base para a aquisição dos conhecimentos que os alunos desenvolverão em seu processo de ensino aprendizagem. Segundo a Proposta Curricular Para Educação de Jovens e Adultos no ensino de língua portuguesa, a linguagem oral é “o meio lingüístico primordial dos seres humanos. É basicamente através da comunicação oral que nos

desenvolvemos como participantes de uma cultura” (PCPEJA-MEC, 2001p. 52). Outro fator fundamental refere-se ao uso da linguagem escrita que começa a partir da alfabetização quando o aluno começa a ter contato com códigos escritos para, posteriormente, desenvolver a leitura e a escrita formal das letras, palavras e frases:

A alfabetização implica, desde suas etapas iniciais, um intenso trabalho de análise da linguagem por parte do aprendiz. Nesse processo, ele acabará aprendendo e servindo-se de palavras e conceitos que servem para descrever a linguagem, tais como letra, palavra, sílaba, frase, singular, plural, maiúscula, minúscula etc. Mais adiante, ele poderá ainda aprender outros conceitos mais complexos, como as classificações morfológicas (substantivo, adjetivo etc.) e sintáticas (sujeito, predicado etc.) (PCPEJA-MEC, 2001 p. 59).

Desta maneira, quando um aluno consegue compreender a diferença entre o uso da fala e o uso da escrita, ele acabará desenvolvendo em seu processo de aprendizagem algo mais do que um simples ato de escrever e ler: envolverá seu conhecimento dentro das relações externas do dia a dia contribuindo, assim, para seu desenvolvimento intelectual, em que prevaleça como fundamental a leitura e a escrita para fazê-lo se sobressair de situações problemas que por ventura surjam. E quando se faz uso das práticas de conhecimento de mundo relacionado às práticas sociais de leitura oral e escrita, surge um universo de possibilidades que acarretarão novos conhecimentos e inserção social. Neste contexto, afirma Freire (2001) que o ato de ler insere a pessoa no mundo da escrita tornando-o um sujeito crítico do mundo em sua volta:

Me parece indispensável, ao procurar falar de tal importância, dizer algo do momento mesmo em que me preparava para aqui estar hoje; dizer algo do processo em que me inseri enquanto ia escrevendo este texto que agora leio, processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (2001 p.11).

Em nosso contexto educacional, na maioria das vezes, o aluno traz consigo a leitura de mundo, mas não é considerada pela maioria dos professores, devido os mesmos estarem atrelados a modelos de currículos que não consideram esta leitura como primordial para o desenvolvimento das linguagens orais e escritas dentro do processo de aprendizagem do

alunado. Infelizmente, alguns de nossos professores só estão preocupados em considerar o que é aprendido dentro da sala de aula, ficando o aluno mero sujeito de uma educação em que os códigos escritos se tornam a descrição dos objetos de memorização, fazendo parte de uma cadeia de significados em que o aluno é obrigado a decodificar para aprender a ler e escrever, como se ele fosse um ser oco de conhecimento que só irá aprender algo dentro da escola.

Todavia, esse modelo de ensino não consegue dar conta das dificuldades apresentadas pelos alunos e vão ficando anos e anos sem conseguir desenvolver a leitura e a escrita, começando na alfabetização e arrastando-se para as séries seguintes, desta maneira os sonhos e anseios dos educandos vão se afunilando e suas expressões linguísticas tornam-se inválidas. Segundo Freire (2001), o ato de conhecimento é um ato criador:

Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse 'enchendo' com suas palavras as cabeças supostamente 'vazias' dos alfabetizados. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda de o educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem, (...). A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando (2001 p. 19).

Isso equivale a dizer que sendo o ato de conhecimento um ato criador, todo processo de descobrimento de novas palavras serve de inspiração e incentivo para o aluno que está aos poucos decifrando os códigos escritos. Sendo assim, através do ato criador em que o educador dê possibilidades aos educandos de descobrir-se, através da leitura e da escrita de pequenas palavras, frases ou até mesmo um texto, este estará contribuindo para que os educandos superem seus níveis de dificuldades de aprendizagem. Entretanto, quando um educador comprometido com seu trabalho tem o poder de discernir essas dificuldades, ele leva o aluno a reconhecer suas limitações em relação a leitura e a escrita, fazendo com que sejam superadas, através de práticas de leituras em que sejam utilizadas vários recursos, como por exemplo, a prática do letramento em que todos os conhecimentos advindos da vivência do aluno, é uma prioridade constante. Desta forma, trabalhar com manchetes de jornais ou revistas, receitas, listas de compras, poemas e tantos outros recursos advindos do meio em que o alunado está inserido, pode ser uma boa maneira para superação das dificuldades dentro do

ensino aprendizagem. Nesta perspectiva, Kleiman (1995), afirma que a própria escrita como sistema simbólico pode ser um dos principais fundamentos do modo letrado de pensamento:

A própria escrita como sistema simbólico é, quase por definição, um dos principais fundamentos do modo letrado de pensamento. Separando o produto escrito de seu autor e do tempo e do local de sua criação, separando signo de significado, permitindo o exame repetido de registros gráficos, a escrita favorece o pensamento descontextualizado e independente do sujeito. (...). A escrita favorece, também, ao seu usuário, instrumentos externos que facilitam a utilização de procedimentos de controle cognitivo (lista, calendários, tabelas, instruções escritas) e o próprio recurso do registro gráfico que pode dar suporte a esses procedimentos (1995 p. 154).

Dando ênfase ao exposto por Kleiman (1995), podemos compreender que para um adulto, não escolarizado, ou seja, aquele que, por razões ou circunstâncias da vida não desenvolveu a leitura e a escrita, mas tem uma cultura letrada onde desenvolve seu processo de oralidade, tende a sobressair em meio às condições em que vive e quando este sujeito adentra na escola, ele começa a desenvolver através de sua cultura símbolos que vão associando a leitura de palavras advindas do cotidiano para o meio escolar, fazendo relações entre o falado e o escrito, formando, assim, um conjunto de práticas sociais e formais em que vão lhe ajudar a desenvolver-se na complexidade da vida moderna. Vejamos o que afirma Kleiman (1995, p.241):

Para nós, dado o fato de que, ao fazer sentido pela fala, escrita e leitura, o sujeito assume certa identidade social, materializando (e atualizando) relações de nomeação e de poder inscritas na língua, ele reflete também os efeitos sociais e cognitivos que sustentam a construção de significados e a atribuição de sentidos em sua enunciação. Em outras palavras, acreditamos que o conjunto de práticas sociais, culturais e discursivas que emergem como resultados da complexidade estrutural das sociedades modernas resultam, por sua vez, em modelos de letramentos diferenciados.

Portanto, quando um adulto faz uso da leitura por meio de elementos relacionados ao cotidiano, seu desenvolvimento torna-se cada vez mais eficaz por unir formas letradas de leitura e de vivência.

Todavia, essas formas letradas terão eficácia em sua evolução escolar se forem relacionadas com a prática docente utilizada de maneira adequada a realidade do educando

como enfatiza Freire ao trabalhar os temas geradores que irão despertar no aluno seu processo de alfabetização relacionado com o mundo em sua volta. “O tema gerador não se encontra nos homens isolados da realidade, nem tampouco na realidade separada dos homens. Só pode ser compreendido nas relações homens-mundo” (FREIRE 2005, p.114).

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, buscamos compreender como se deu o processo de observação e coleta dos dados referentes a nossa pesquisa, a qual traz os anseios, as expectativas, as dificuldades encontradas pelos alunos da turma de Educação de Jovens e Adultos da escola municipal Luiz Barbosa, localizada no Sítio Canafístula município de Araçagi-PB, foco da nossa pesquisa.

3.1 Descrevendo Canafístula

O Sítio Canafístula fica aproximadamente a 5 km da cidade de Araçagi-PB, sua população é de aproximadamente 2.000 pessoas. Esta localidade é uma das mais desenvolvidas do município por dar acesso a outros sítios vizinhos, por esta razão, é notável o nível de desenvolvimento do lugar. Apesar de ser zona rural, ela possui saneamento básico, coleta de lixo, posto de saúde em funcionamento, sistema telefônico, luz, água encanada, internet, Correios e duas pequenas fábricas de confecção.

Os moradores desta localidade vivem da agricultura, do comércio, da criação de gado, também de outros trabalhos braçais como construção civil, peão ou bóia fria, entre outros. Ao percebermos esse contexto, fica evidente que a população do lugar é de classe popular, logo, precisa estudar em escolas públicas por não ter condições financeiras para estudar em escolas privadas. Se os pais são agricultores, os filhos tendem a ser, contribuindo assim para as dificuldades em relação ao estudo, devido o trabalho braçal no campo. O lugar não tem atrativo o suficiente para superar o cansaço do trabalho árduo, contribuindo assim para que a escola seja o único lugar de atrativo para os alunos.

3.2 A Escola

A escola Luiz Barbosa, é uma escola de porte médio, possui sete salas de aulas, todas são amplas e de boa estrutura, a escola funciona nos três turnos manhã, tarde e noite e atende da educação infantil ao ensino médio, tem uma clientela advinda da classe popular, em que os alunos são filhos de agricultores ou comerciantes, o nível sócio econômico não passa de um salário mínimo por família.

Os funcionários da escola somam aproximadamente 35 pessoas distribuídas entre professores, agentes administrativos, auxiliares de serviços gerais, vigias e pessoal de apoio (diretor, vices diretores).

A escola é bem equipada tem sala de informática com acesso a internet, televisão, DVD, micro system, retro projetor, mine biblioteca na sala dos professores, onde os alunos utilizam também para realizar pesquisas e trabalhos. Está situada em uma área de fácil acesso, também possui um ginásio pólio esportivo que é utilizado para prática de educação física, recreação, eventos da escola como também da comunidade e jogos de futsal. Na escola, são desenvolvidos projetos o ano todo com a participação dos alunos através de peças teatrais, danças e outras atividades sempre de acordo com o projeto desenvolvido.

3.3 O lócus da pesquisa: A Sala de Aula

A sala de aula pesquisada funciona no almoxarifado, onde os alunos dividem o espaço com materiais de limpeza e outros de uso da escola, esta sala é muito pequena aproximadamente 3m², comportando dois armários, um fichário, uma caixa amplificadora que a escola utiliza para promulgar os eventos realizados na escola, o quadro branco utilizado para professora realizar as atividades escrita se posiciona de forma vertical por não haver espaço na parede para ser posto de forma correta, que seria a horizontal. Assim, a professora escreve até a metade do quadro dificultando a visibilidade dos alunos como também o tempo, os alunos ficam sem espaço para se locomoverem dentro da sala, quando a professora está escrevendo, os alunos não podem escrever, pois a visibilidade é interrompida, só quando ela termina de escrever e sai da frente do quadro, eles começam a copiar as atividades.

3.4 Perfil da Turma

A turma da EJA é uma turma pequena e diversificada por englobar alunos em fase de alfabetização, outros semi alfabetizados e ainda alunos com um grau de entendimento maior ao processo de aquisição do processo de leitura e escrita.

Esses alunos estão distribuídos de forma heterogênea devido os mesmos apresentarem níveis diferentes de idade e desenvolvimento. Entre eles, estão senhoras, mães de alunos que estudam na mesma sala só para incentivar e assegurar a permanência do filho em sala de aula, o restante dos alunos, que são os jovens adolescentes, já passaram por várias etapas do

processo de ensino na escola onde estudam, começaram na educação infantil, passaram por algumas séries do ensino fundamental, como também por projetos para correção de fluxo no caso Se-Liga e Acelera, patrocinados pelo Instituto Airton Senna em parceria com a prefeitura do município.

A faixa etária da turma varia entre 14 a 38 anos, os alunos são todos filhos de agricultores e precisam trabalhar na agricultura para ajudar os pais no sustento da família. Muitos trabalham quase a semana toda e quase sempre o dia todo, as senhoras além de ajudar o marido no trabalho braçal, ainda têm o compromisso de cuidar da casa e dos filhos. Vemos que o esforço para vencer as dificuldades apresentadas pelos alunos não só está direcionada aos alunos é preciso que todos os envolvidos estejam dispostos a superar todo e qualquer obstáculo que por ventura venha a surgir.

3.5 Perfil da Professora

A professora da turma de Educação de Jovens e Adultos, da escola Luiz Barbosa, tem 18 anos de sala de aula, é graduada em história pela UEPB, tem aproximadamente 43 anos de idade. Atualmente, é supervisora escolar e atua pela primeira vez na área da educação de jovens e adultos como professora nesta turma. Aparece ter um comportamento calmo em relação à maneira de se socializar com os alunos, é comunicativa e costuma conversar com todos sobre o dia a dia deles.

3.6 Relatos das observações em sala de aula

No mês de abril do ano de 2010, iniciamos nossas observações na sala de aula da EJA, nos primeiros dias, frequentavam cinco alunos, depois aumentaram para onze. Todos os alunos demonstravam pouco interesse nas aulas e todas as atividades eram que ser copiadas, pois afirmavam categoricamente que não gostavam de aula muito dialogada e diziam que:

“Ah! professora a senhora tá falando demais, se continuar assim vamos embora” (Erivaldo, aluno da turma em abril de 2010).

Percebemos que alguns tinham destreza em copiar, outros eram muito lentos, daí começamos a focalizar nossos interesses científicos.

Na referida sala de aula, havia duas mães que acompanhavam os filhos e que foram convidadas pela professora da turma a frequentar as aulas como alunas regularmente

matriculadas. No início relutaram um pouco dizendo que não tinham cabeça para estudo e que nunca aprenderam na vida e nunca iriam aprender.

“Não adianta professora agente não tem mais cabeça para essas coisas, depois que fica velho não se aprende mais nada” (Geralda. e Lucia, mães que iam com os filhos alunos da turma em abril de 2010).

A professora as encorajava dizendo palavras de convencimento e tentando fazer com que elas tomassem a iniciativa de querer descobrir o mundo a leitura e da escrita, através das aulas na referida turma, palavras estas como:

“Que conversa é essa de que não tem cabeça para aprender! Vocês podem aprender como qualquer um destes alunos, para aprender não tem idade, deixem destas bobagens e vamos estudar, já que vocês vêm todas as noites com seus filhos e ficam esperando até a aula acabar.” (Maria da Glória, professora da turma em maio de 2010).

Mas, depois de alguns dias essas mães ingressaram na turma. A primeira mãe tomou coragem e na semana seguinte decidiu estudar, a professora lhe deu um caderno e lápis. Alguns dias depois, a segunda mãe também ingressa na turma. Elas sentiam muita dificuldade em acompanhar a turma principalmente na hora de copiar as atividades escritas no quadro branco. De início, a primeira mãe dizia que o lápis era um peso em suas mãos e que ficava com os dedos doendo.

“O lápis pesa tanto que meus dedos chega dói e minha mão começa a cansar eu não agüento mais escrever vou deixar pra manhã”(Geralda. Mãe de aluno e aluna da turma em abril de 2010).

Algumas semanas depois, essas alunas foram se familiarizando com a rotina da sala de aula. A professora propôs que estudassem no livro. “**Escola Ativa**” observamos que o referido livro não tinha nada a ver com a educação de jovens e adultos e, principalmente, alfabetização de adultos, por ser um livro infantil e muito cheio de elementos que não condiz com a realidade dos alunos.

Os dias se passaram, alguns alunos desistiram alegando ser difícil estudar e trabalhar, falavam que quando chegavam do trabalho, estavam muito cansados para ir à escola. A professora tentou convence-los a continuar, mas, infelizmente, não foi possível. Vejamos esta fala:

“Professora, não da mais pra continuá estudano, todo dia tem que trabalhar e é um cansaço tão grande que não da pra se concentrar nas aulas, agente só quer dormir e ainda ter que vim pra escola é muito difícil, na hora da leitura o olho fica ardendo é melhor desistir” (Erivaldo, aluno da turma em abril de 2010).

Diante de todos esses empecilhos colocados pelos alunos iniciantes, nota-se que, para as pessoas que precisam trabalhar o importante é a sobrevivência financeira e não as condições que a educação oferece. Em seus íntimos, o valor do conhecimento adquirido através de uma leitura ou mesmo da escrita de textos ou cartas que servirão para saírem de um ambiente em que são forçados a trabalhar de sol a sol, muitas vezes puxando o cabo de uma enxada, em trabalho braçal para ganhar menos que um salário mínimo por mês, pesa mais do que esse tipo de vida.

Todavia, quando vão para um ambiente escolar se sentem inferiores, servindo assim ao seu próprio preconceito em se tornar capaz de mudar sua própria história de vida. Galvão (2007) nos evidencia esse tipo de preconceito que não é próprio do analfabeto, mas, imposto a ele:

A ampla maioria dos analfabetos é constituída por pessoas oriundas do campo, de municípios de pequeno porte, nascidas em famílias numerosas e muito pobres, cuja subsistência necessitou da mão-de-obra de todos os membros desde cedo. O trabalho precoce na lavoura, as dificuldades de acesso ou a ausência de escolas na zona rural impediram ou limitaram os estudos dessas pessoas na infância e adolescência. Nessas famílias, em que os adultos também não estudam, os saberes adquiridos no trabalho costumam ser mais valorizados que os conhecimentos veiculados pela escola. As situações de leitura e a escrita foram raras na vida cotidiana dessas pessoas, restritas a eventuais cartas, contas de armazém (...). Alguns foram à escola por períodos curtos e descontínuos, onde realizaram aprendizagens pouco significativas, e vivenciavam experiências de fracasso, castigo e humilhação (2007.p16).

Para a autora, as pessoas oriundas da zona rural são obrigadas desde cedo a trabalhar, contribuindo assim para o desestímulo das práticas de leitura e escrita, por não usá-las com freqüências em suas atividades diárias, não sentem motivados a continuar estudando. Desta maneira, passam a ser sujeitos de preconceitos que já estão enraizados através dos familiares e da cultura deste país que não valorizam àqueles que não desenvolveram o domínio da leitura e da escrita.

Com a continuidade das observações, percebemos certa inquietude por parte dos alunos, sempre que a professora propunha para a turma fazer textos ou ditados, os mesmos deixavam em evidência as dificuldades em ler e escrever como também a insegurança em si, a professora encorajava-os dizendo frases como:

“Vocês não precisam ter medo de ler nem de escrever, já que estão aqui para aprender e todos são iguais” (M^a. Gloria, professora da sala em abril de 2010).

Quando chegava o período destinado às avaliações escritas, as mesmas eram realizadas com muita dificuldade, pelos alunos, devido os mesmos, não conseguirem ler as questões propostas. Daí a professora lia para todos ficando assim fácil a compreensão, mesmo assim eles não conseguiam escrever corretamente por não saber ler. A aula continuava com a professora ditando as letras referentes às respostas dadas por eles para que alguns respondessem as questões.

A cada dia, percebia-se as dificuldades de leitura e escrita cada vez mais presente no cotidiano da sala de aula, quando escreviam espontaneamente faltavam letras até sílabas, a leitura não era fluente, eles liam soletrando e quando não reconheciam a palavra perguntavam à professora,

“Que palavra é essa? Não tô entendendo” (Jardiel aluno da turma em maio de 2010).

Também percebia-se a dependência dos alunos em relação à leitura, já que sempre pediam ajuda da professora.

Quando era para trabalhar um texto mesmo que conhecido, apenas quatro alunos conseguiam ler um pouco, mesmo assim apresentavam algumas dificuldades, isto porque não respeitavam vírgula, e outros pontos importantes no texto, pausa não existia, liam um texto corrido como se não existissem sinais de pontuação. Essas dificuldades de leitura e escrita se estendiam para as outras matérias como Ciências, História, Geografia e Matemática, alguns alunos repetiam que estavam na escola para passar tempo, outros afirmavam que queriam passar de ano e ir estudar na segunda fase do ensino fundamental que é de sexto ao nono ano, o interessante é que os alunos delegavam à professora o peso de passá-los de ano, como nesta frase:

“É professora a senhora tem que ajudar a gente passar de ano, pra gente poder estudar no sexto ano e sair da EJA” (Jardiel aluno da turma em maio de 2010).

Ela respondia que só dependia deles, dois alunos reclamavam que já estudaram no Acelera para ir para o sexto ano e não sabiam por que estavam na EJA:

“Eu estudei o ano todo no Acelera pensando que ia pro sexto ano e esse ano to aqui no EJA, não sei por que me botaram aqui” (Franciclaudio, aluno da turma em maio de 2010).

Esses alunos não compreendem suas dificuldades de aprendizagem em relação à leitura e a escrita, acreditam que para continuar avançando nas séries iniciais basta está

matriculado na escola durante o ano letivo e frequentar as aulas. A falta de motivação por parte do aluno é fundamental para desenvolver as dificuldades de aprendizagem, mesmo assim, acabam colocando toda a culpa na escola e, na maioria das vezes, no professor. Confirmamos essas abordagens com Galvão “O único espaço onde as pessoas podem de alfabetizar, a escola é a instituição à qual se atribui e de quem se cobra explicitamente a função de ensinar a ler e escrever” (2007. p.59).

Com o passar do tempo, uma das mães desistiu de estudar, perguntamos a ela o motivo da desistência, ela nos falou que todos os dias antes de ir à escola, o marido dela implicava:

“Toda noite quando eu vêio estudar meu marido fica brigano comigo dizeno, não sei pra que aprender a ler e escrever depois de veia e agora inventou de ter ciúme, pra gente não viver brigano achei melho deixa de estudar” (LUCI. aluna da turma em junho de 2010).

Galvão (2007) nos mostra que até meados do século XX, as mulheres são impedidas de se alfabetizar, infelizmente essa realidade ainda não mudou, percebemos que isso ocorre ainda nos dias atuais, ao nos deparamos com depoimentos do tipo desta aluna em que o marido manda nos seus desejos de sair da condição de analfabeta, ficando a leitura e a escrita como algo de perdição.

A inserção das mulheres em processos formais de alfabetização e seu acesso ao mundo da leitura e da escrita foram velados ou tutelados pelos pais e maridos, que temiam que esses conhecimentos servissem para comunicação com namorados ou possibilitassem a entrada nos mundos imaginários e fugidos da literatura (2007. P.61).

Diante destes obstáculos, infelizmente, muitas mulheres se curvam aos caprichos machistas de seus companheiros e deixam de usufruir dos benefícios que, muitas vezes, são oferecidos através do despertar para uma cultura letrada, ou seja, elas deixam de estudar para viverem submissas a simples vida cotidiana do lavar, cozinhar, arrumar a casa e cuidar dos filhos, essas mulheres que na maioria das vezes foram muito pouco à escola e o que aprenderam com o passar dos anos vão esquecendo, por não cultivar o hábito de ler e escrever tornam-se pessoas semi analfabetas.

Após o recesso junino, voltamos à sala de aula, constatamos que os oitos alunos freqüentes voltaram a estudar super empolgados com o resto do ano, dizendo:

“Daí pra frente, agora é estudar pra passar de ano” (Jardiel, Gilmara, Gilberto, Francicláudio, alunos da turma em julho de 2010)

Porém, as dificuldades em relação à leitura e a escrita continuavam, percebíamos que eles não tinham interesse em leituras e principalmente em escrever espontaneamente, as atividades de casa não eram realizadas ou mesmo não liam pequenos textos em que trazem conteúdos conhecidos como, por exemplo, a letra de uma música, manchete de jornais, texto de livro, etc. Quando a professora propõe a leitura, eles agem como se fossem a coisa mais terrível do mundo. Certo dia, propomos a leitura da música “**Asa Branca**”, de Luiz Gonzaga, para ver a reação da turma, quando começaram a ler alguns falaram que nunca tinham visto e não sabiam se era música ou história, então, resolvemos cantar, depois disso todos nos disseram que sempre ouviam no rádio, daí fizeram a tentativa de ler. Alguns alunos liam cantando e tudo ficou mais fácil, nesta tentativa de trazer o cotidiano para a sala de aula, começou despertar o interesse de todos para questão da leitura, alguns alunos nos afirmavam que desta maneira fica bem mais fácil ler:

“Ah! desse jeito é bem melhô de lê, agente já sabe a música agora é só lê as letras”(Jardiel, Gilberto, Francicláudio, alunos da turma em julho de 2010).

Para Martins (1984), “criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se de dialogar com o leitor sobre a sua leitura,” ou seja, o sentido que a leitura pode oferecer ao leitor, portanto, gira em torno dos novos elementos de leitura em que o educando se familiarize para depois conseguir ler palavras, sílabas ou texto, o que deve ser proposto pelo educador

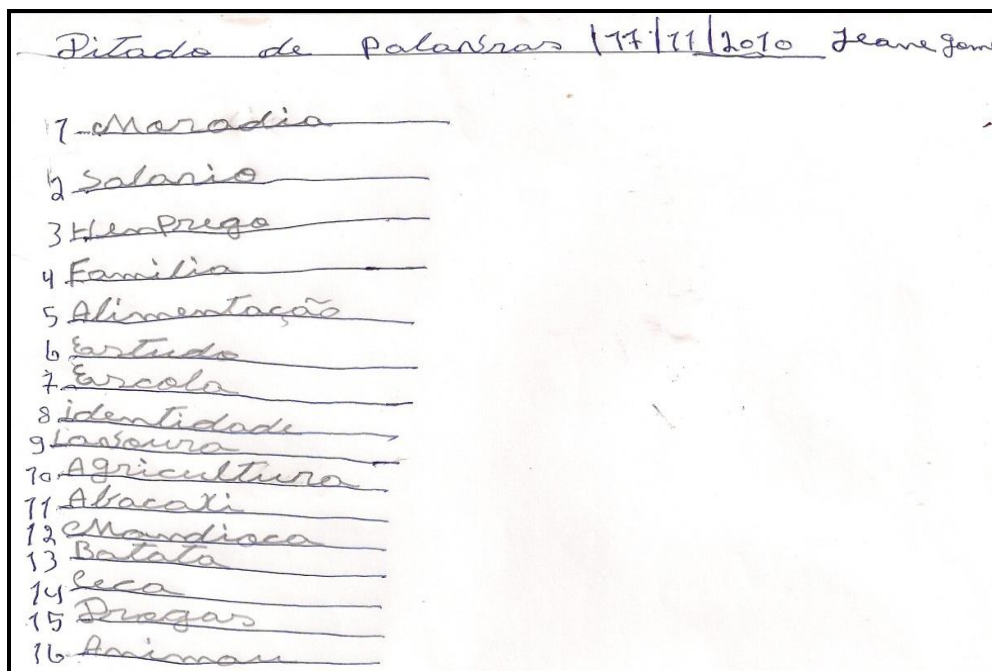
3.7 Análises das atividades realizadas pelos alunos em sala de aula.

Após as observações realizadas entre os meses de abril a julho, voltamos à sala de aula no mês de outubro e propomos atividades escritas com o objetivo de identificar os níveis de dificuldades em relação e à leitura e à escrita, em primeiro lugar, realizamos um ditado de palavras com os alunos presentes. Sugerimos o total de dezesseis palavras, todas advindas do cotidiano dos alunos, palavras estas: **moradia, salário, emprego, família, alimentação, estudo, escola, identidade, lavoura, agricultura, mandioca, seca, drogas e animal.**

Destas palavras, a maioria delas foi escrita com grau de dificuldade relacionado à ortografia, pelo fato dos alunos escreverem faltando letras ou trocando uma letra de som

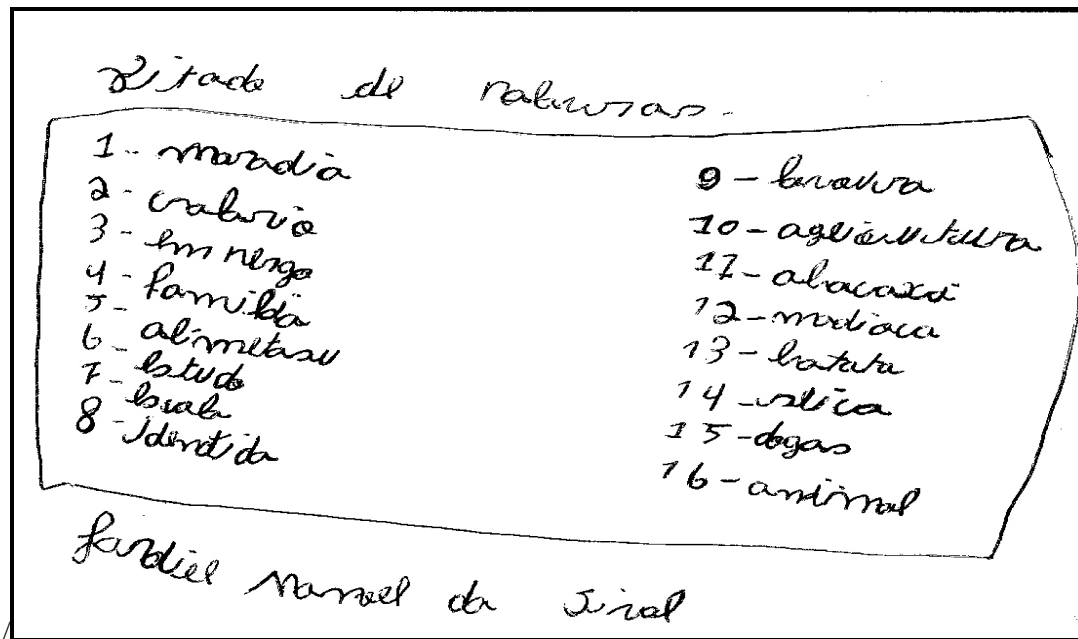
parecido por outra. Porém, todos escreveram as palavras de forma que dá para compreender o que estava escrito, mesmo sem saber a palavra ditada, nota-se que os alunos de certa forma evoluíram, só resta saber se esses alunos acompanharão as séries seguintes relacionadas à segunda fase do ensino fundamental, porque na educação de jovens e adultos todo o desenvolvimento do aluno é aproveitado com o processo de aprendizado.

1º exemplo



Neste primeiro exemplo, percebe-se que a aluna escreveu as palavras ditadas quase que corretamente, apenas algumas palavras precisam de correção ortográfica como, por exemplo, as palavras: **emprego** a aluna escreveu com “H” inicial onde não existe o emprego desta letra na palavra, como trocou a letra “m” por “n” e escreveu **Henprego**. Também a palavra **seca** que a mesma escreveu com letra inicial “c” trocando a letra “s” por “c” ficando a palavra escrita **ceca**. Outro caso é o da palavra **animal**, em que a aluna escreveu trocando a letra “l” por “u”, ficando a palavra **animau**. Neste caso, podemos observar, a que a aluna entende o som das palavras apenas não sabe escrever corretamente, todas as palavras. Para a educação de jovens e adultos, o mais importante não é a língua culta, mas, a forma linguística de compreensão das palavras que leve o adulto a inserir-se em meio à sociedade, tanto por meio da escrita quanto por meio da leitura e suas formas de entendimento por parte do mesmo.

2º exemplo



Neste segundo exemplo, houve maior dificuldade do aluno em escrever as palavras trocando ou faltando letras como, por exemplo, das palavras a baixo:

Emprego em que o aluno escreveu “**empergo**”

Família em que o aluno escreveu “**familda**”

Alimentação escrita do aluno “**alimetasu**”

Identidade escrita do aluno “**identida**”

Agricultura escrita do aluno “**ageicutura**”

Mandioca escrita do aluno “**madioca**”

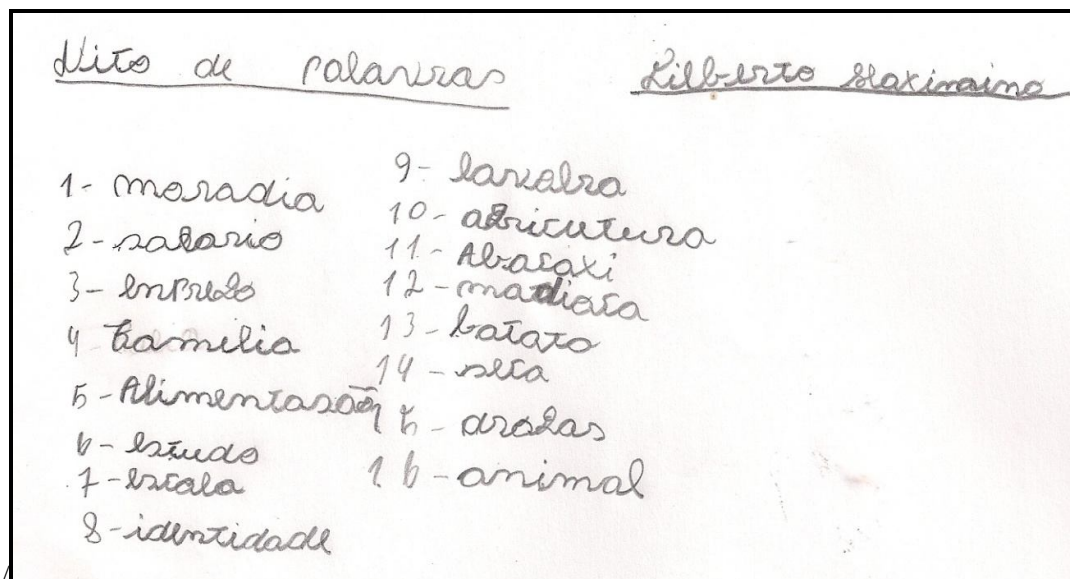
Seca escrita do aluno “**seica**”

Drogas escrita do aluno “**dogas**”

Neste caso, percebemos que o aluno tem um grau de dificuldade maior do que a primeira aluna, seu nível de compreensão de leitura é menor, por isso não consegue escrever corretamente. Todavia, não é impedimento para que o mesmo continue evoluindo dentro do processo de aprendizagem, este aluno não escreve corretamente porque não consegue ler,

portanto, podemos perceber que leitura e escrita caminham juntas, se um aluno não consegue ler logo não conseguirá escrever corretamente.

3º exemplo



Neste outro caso, o aluno tem um nível de compreensão de leitura melhor do que os primeiros, mesmo assim escreve palavras trocando letras, por exemplo, palavras como:

Emprego, escrita do aluno "enprego"

Alimentação, escrita do aluno "alimentasão"

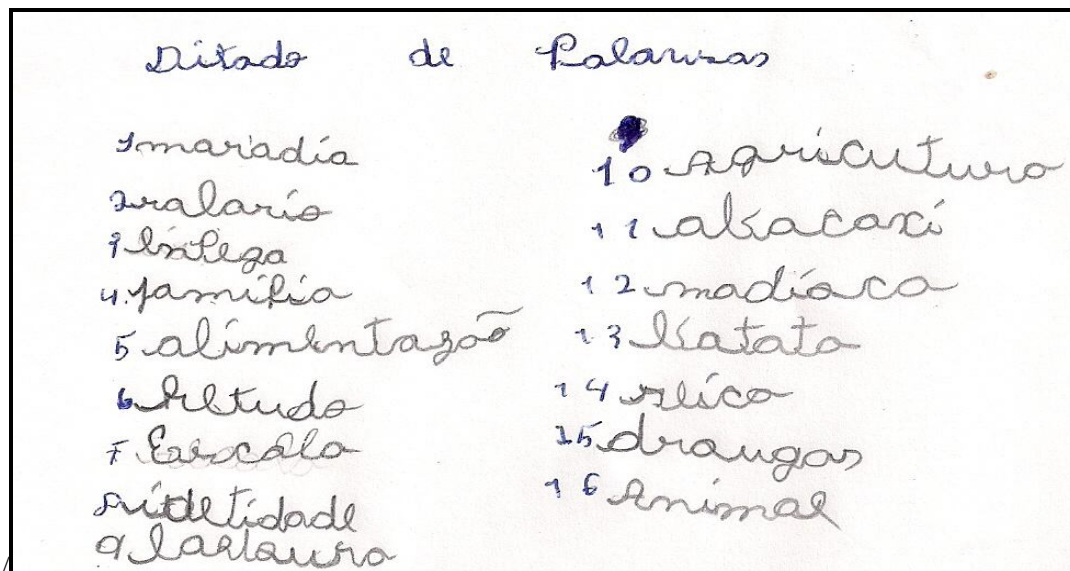
Lavoura, escrita do aluno "lavolra"

Agricultura, escrita do aluno "agricutura"

Mandioca, escrita do aluno "madioca"

Percebemos também que o mesmo escreveu a palavra, "dito" para se referir a "ditado" em "ditado de palavras," ou seja, incorretamente, pois, escreveu "dito de palavras". Neste caso, não sabemos se foi esquecimento ou incompreensão do uso da escrita. Mas precisamente deve ser pelo fato da dificuldade de leitura porque quando um indivíduo não consegue ler, conseqüentemente não sabe escrever com exatidão.

4º exemplo



Neste último exemplo, o aluno também escreveu as mesmas palavras, com os erros ortográficos parecidos com os demais, o som das palavras não segue a forma escrita compreendida pelos alunos as palavras ditadas foram compreendida de forma distorcida, vejamos:

Emprego, escrita do aluno “**enpega**”

Alimentação, escrita do aluno “**alimentaçõ**”

Estudo, escrita do aluno “**setudo**”

Identidade, escrita do aluno “**idetidade**”

Agricultura, escrita do aluno “**agricutura**”

Mandioca, escrita do aluno “**madioca**”

Seca, escrita do aluno “**seica**”

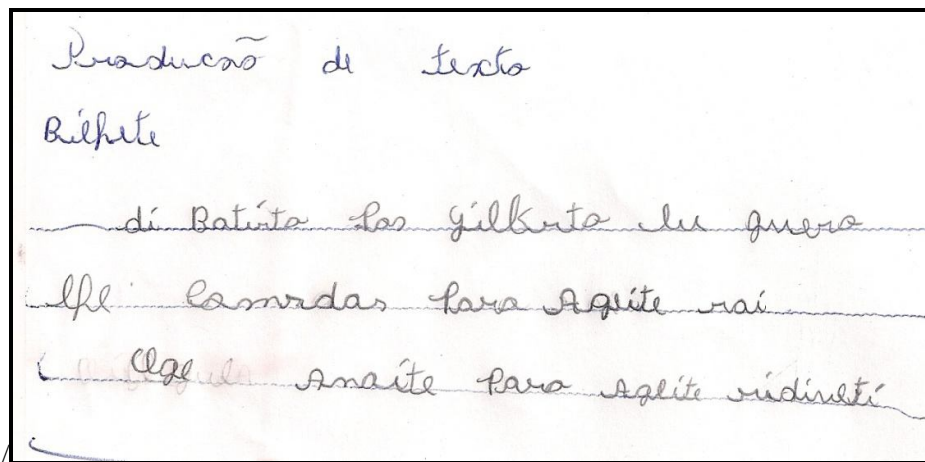
Drogas, escrita do aluno “**drougas**”

Percebe-se que as dificuldades apresentadas pelos alunos em relação à escrita são muito parecidas, pois os mesmos apresentam em sua totalidade a mesma grafia, os erros ortográficos quase que iguais. Todavia, cada um com sua especificidade.

Segundo Teberosky (1993, p.34), “Os adultos analfabetos têm algum conhecimento sobre a variedade escrita não é só a escrita da linguagem, mas também a linguagem que pode

ser escrita”. Para compreendermos melhor essas dificuldades apresentadas pelos alunos, buscamos novas formas de atividades, propomos aos mesmos uma produção de texto, procuramos o mais simples, sugerimos que fizessem um bilhete a um amigo ou alguém que eles gostassem. Nesta outra atividade disseram-nos que não saberiam fazer, porém, sabiam falar, então, tentamos convencê-los, através da argumentação dizendo: “Se vocês sabem falar logo saberão escrever”. Em seguida, os alunos começaram escrever a sua maneira, vejamos os exemplos:

1º exemplo

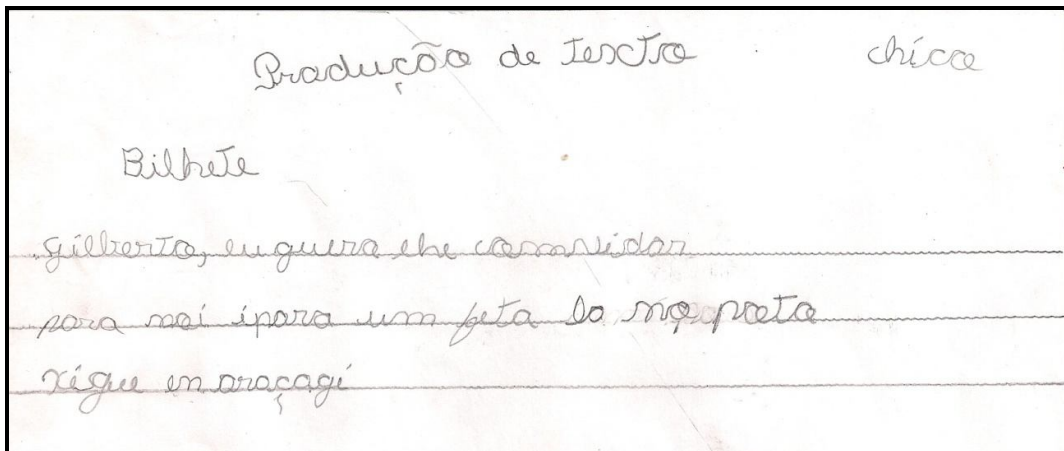


Neste primeiro exemplo, o aluno expressou-se dizendo que gostaria de convidar seu amigo para saírem juntos e se divertir, se o mesmo soubesse escrever corretamente de certo escreveria assim: **Gilberto, eu quero lhe convidar para nós sairmos hoje à noite para nos divertirmos.**

No caso da escrita do aluno, observamos a seguinte forma escrita: **“di Batista par Gilberto eu quero lhe convidar para Ageite sai oge Anaite para Ageite sidiveti”**

Percebe-se erros de escrita relacionados à forma de expressão, observamos que o mesmo escreve como o linguajar desta região, onde no lugar de **nós** usa-se **agente**, só que no caso do alunos por não compreender a forma escrita das palavras existe um redundância entre as palavras.

2º exemplo



/

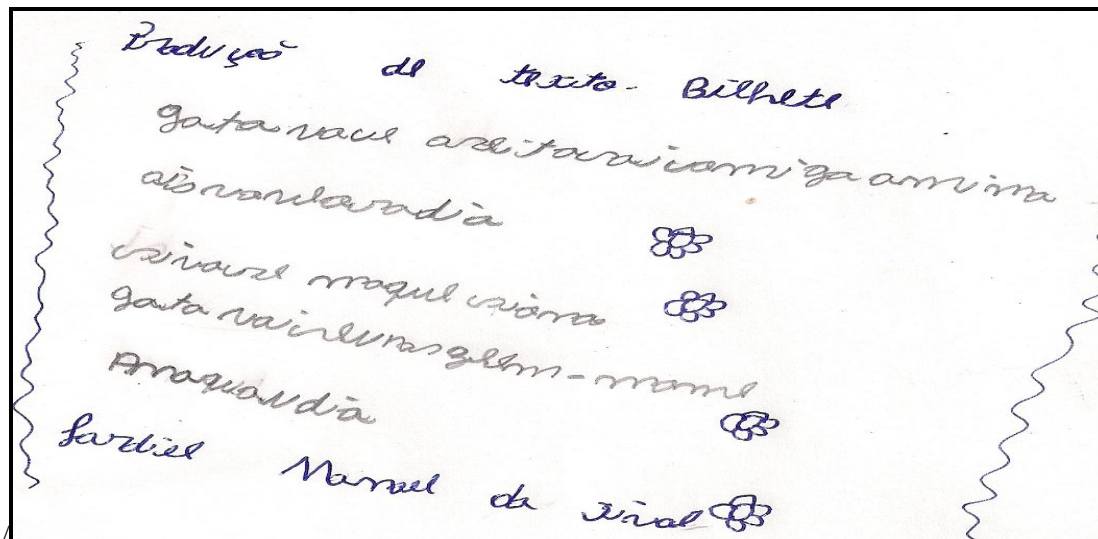
Observando este outro exemplo, percebemos que o aluno tem mais clareza na escrita, na organização das linhas, das letras mesmo assim, é visível os erros de grafia, este também convida um amigo para se divertir. Vejamos a escrita correta: **Gilberto, eu quero lhe convidar, para nós irmos para uma festa lá no Ponto Chique em Araçagi.**

Esta foi a grafia usada pelo aluno; **“Gilberto, eu quero lhe convidar para noi ipara um feta la no poto xique em araçagi”**

Neste bilhete, entende-se o que o aluno quer dizer, mas ficam evidentes as palavras escritas de forma incorreta, que para o mesmo está absolutamente correta sua forma de expressão cotidiana, fica claro em algumas palavras, como: noi, La. Como também a troca de letras de sons parecidos a exemplo das letras “n por m, ch por x,” e letras que faltam em palavras como, **“feta em festa, poto em ponto, noi em nós”**.

A esses casos, não podemos dizer que os alunos não sabem produzir, eles sabem sim, só precisamos entender sua língua escrita, e tentarmos construir formas de melhoria de sua compreensão escrita para conduzir seu aprendizado de maneira eficaz.

3º exemplo



Ao tentarmos entender este outro exemplo, sentimos certa dificuldade por não conseguirmos decifrar algumas palavras que o aluno escreveu. Nota-se que é um bilhete para certa garota no qual ele a convida para sair, entendemos algumas palavras como: **gata, você, aceita, sair, comigo e Ana Claudia.**

Infelizmente, não foi possível entender as demais palavras, devido sua forma escrita não ter a conotação adequada ao nível de compreensão, sabe-se que ao escrever o aluno entende o que está querendo repassar para o papel. Vejamos o que ele escreveu: “ **gata você aseitasai comiga amima aio vavearadia sivasi maque siona gata vai seuparzem- mame Anaquaudia.**”

Neste caso, ficam evidentes as dificuldades de leitura e escrita que o aluno apresenta ao escrever este pequeno bilhete, deixando claro que é preciso compreender primeiro a linguagem oral dentro de sua especificidade para entender a linguagem escrita.

4º exemplo

Produção de texto
De: Gilmara Para Geralda
Mãe eu quero que a senora seja muito
feliz mesmo eu estando longe de
eu quero que saiba que eu liamo muito
sir eu liperde que eu não quero queiso
aconteça. eu quero que a senora vai
sepre está dentro do meu coração.

Esta aluna escreve de maneira a entender sua grafia, deixando claras as palavras usadas para se referir ao sujeito em comunicação, no caso, a pessoa em que ela destina seu bilhete. Porém, algumas palavras sofrem trocas ou acréscimos de letras, como, por exemplo, as palavras:” **quer em vez de que, senora em vez de senhora, longe em vez de longem, liamo em vez de te amo, sir em vez de se, liperde em de lhe perder, queiso em vez de que isso, sepre em vez de sempre,**”

Transcrevemos a forma correta do bilhete para nosso melhor entendimento.

Mãe, eu quero que a senhora seja muito feliz, mesmo eu estando longe e quero que saiba que te amo muito. Se eu lhe perder, que isso não aconteça.

Eu quero que a senhora esteja sempre dentro do meu coração.

Em seguida, transcrevemos o bilhete escrito pela aluna.

“Mãe Eu quero que a senora seja Muito Feliz Mesmo eu estando longe, eu quero que saiba que eu Liamo Muito sir eu liperde que eu não quero queiso Aconteça. Eu quero que a senora vai sepre está dentro do meu coração.”

Ao concluirmos todas as observações das produções dos alunos, tentamos contrapor essas dificuldades através dos estudos realizados por estudiosos nesta questão. Por esta razão procuramos em Ferreiro e Freire respaldo às nossas indagações:

O ato de ler precisa ser acompanhado pela consciência de que qualquer texto comunica algo, percebendo que o formato do que está escrito oferece hipóteses do seu conteúdo e que é possível estabelecer relações do que está escrito e as experiências de quem está lendo. O contato com textos dá a oportunidade aos alunos de criarem estratégias de leitura que os levarão a superarem as fases da escrita com naturalidade. A partir daí, o resultado positivo também será refletido na produção de textos que até então não poderiam estar seguindo os padrões convencionais da língua escrita. Escrevem pulando letras, como falam, juntam palavras, não usam pontuação, acentos, não utilizam o papel de maneira adequada e, às vezes, misturam os números com as letras. O que Emília Ferreiro (2000) defende é que esse tipo de produção segue padrões próprios e é baseada nas reflexões que esses jovens e adultos fizeram em seu contato cotidiano com a linguagem escrita. Os erros, na verdade, configuram-se como tentativas de acerto. À medida que analisam suas escritas e as dos colegas, recebendo orientações dos professores, vão dominando os mecanismos da escrita e adquirindo a fluência na leitura. Letras representam o som da fala já que procuram corresponder as sílabas aos pedaços da fala. A princípio, não entendem que cada pedaço pode equivaler a mais de uma letra e, por isso, produzem frases usando uma só letra para cada sílaba. Depois vão percebendo que precisam por mais letras e assim sua escrita passa a evidenciar a tentativa de incluir novos elementos para representar a fala (FERREIRO E FREIRE, Apud, SILVA e BRITO, p. 05).

Para tal, os educadores precisam considerar e compreender o nível do aluno e da turma, mediante esses enfoques, queremos afirmar que os alunos de EJA são sujeitos dentro de um processo em desenvolvimento constante, por isso deve ser dada atenção necessária à qualquer forma de escrita por parte dos alunos.

Mediante o que foi observado, percebemos que a professora reconhece as dificuldades de aprendizagem de seus alunos, quando a mesma respondeu algumas perguntas em nossa pequena entrevista. Segundo ela, os alunos leem sem pontuação, em relação à escrita, todos escrevem faltando letras como: s, ss, ç. Para tal, procura usar de metodologias adequadas a realidade dos mesmos, deixa claro que essas dificuldades estão relacionadas ao cansaço do trabalho diário e à indisponibilidade de tempo para fazer uso dos mecanismos de leitura e escrita.

Por isso, ela diz que a diretora sempre que pode também conversa com todos os alunos, a mesma fala sobre a importância do estudo. Para a professora, essa é a maneira de a

escola dar suporte pedagógico, além do material didático que é oferecido aos alunos de EJA ela ressalta ainda que este é o primeiro ano em que atua como professora de educação de jovens e adultos, mesmo assim, procura compreender as dificuldades de cada um, oferecendo uma proposta de alfabetizar esses alunos que, por um motivo ou outro, não desenvolveram sua cultura letrada.

Nas palavras da professora entendemos que o despreparo de alguns educadores para se trabalhar na EJA torna-se evidente no nível de desenvolvimento de seus alunos. Todavia, ao juntarem-se as dificuldades dos educandos em relação à leitura e escrita e o uso de técnicas inadequadas por parte de educadores, seja de ensino infantil ou adulto, compreendemos os motivos que levam os alunos a não evoluírem dentro do processo de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, a partir deste trabalho, que as dificuldades apresentadas pelos alunos em relação à leitura e à escrita vêm se estendendo desde as primeiras séries do ensino regular, e que a Educação de Jovens e Adultos está como um degrau que os mesmos devem subir para posteriormente adentrarem no ensino fundamental de segunda fase. Todavia, essas dificuldades lhes acompanharão, mesmo assim, não os impediram de continuarem estudando e, aos pouquinhos, irem conseguindo desenvolver seu nível de compreensão em relação à leitura de palavras, frases, textos, entre outros.

Como podemos observar, durante o processo de realização das atividades propostas, os alunos apesar de tentarem resistir ao uso da leitura e da escrita, todos realizaram essas atividades à sua maneira, dentro de seus limites, dando a entender que os mesmos já têm uma visão formada sobre o que seja leitura e escrita, só o que eles não sabem é como escrever de forma correta, cabendo neste processo a intervenção do educador para que sejam sanados esses pequenos problemas, através de metodologias adequadas.

Suas escritas nos oferecem pistas para compreendermos melhor o processo evolutivo do adulto no nível de alfabetização em que ele se encontra. Para tal, é preciso dar elementos concretos ao modo de transmissão de conhecimento, principalmente no que se refere à leitura e a escrita, e que os procedimentos sejam variados e interligados à sua vivência, pois o trabalho de construção de uma linguagem voltada à cultura para formar a leitura, não é fácil em lugares em que as pessoas precisam trabalhar para sobreviver, o que a conduz sempre para o último plano, cabendo à escola incentivar o gosto pela leitura e escrita.

Sabe-se que os alunos de EJA já ingressam nesta modalidade de ensino com uma visão de que vão passar de ano de qualquer maneira e não estão preocupados em saber ler ou não, alguns acham que basta estar matriculado para seguir em frente. Tal fato ficou claro durante nossas observações, pois eles não fazem o uso da prática constante de leitura, muito menos da escrita, mesmo assim, tem uma visão de mundo que é preciso ser compreendida para transformá-la em mecanismos de aprendizagem.

Por fim, cabe a todos os envolvidos, o incentivo das práticas de leitura e escrita, seja em sala de aula ou fora dela, porque quando as usamos elas adequadamente logo vemos

excelentes resultados em nossos educandos, como também, ao incentivarmos para o uso constante da escrita, esses alunos tenderão a praticar a ortografia das palavras que, muitas vezes, foram escritas erradas e, sucessivamente, começarão a escrever de maneira correta compreendendo o uso destas formas de linguagens que os levarão a inserção nesta sociedade excludente.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 1998.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 41. Ed. São Paulo, Cortez, 2001.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2009.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Educação de jovens e adultos: correntes e tendências**. In: _____; José Eustáquio (Orgs.). **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**, 3. Ed. São Paulo: Cortez: IPF, 2001. P. 29-39.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Preconceito contra o analfabeto**. São Paulo: Cortez, 2007.

GURGEL, Thais: **Vou Alfabetizar todos eles até o final do ano**; In Nova Escola. Ed. Abril. Agosto 2007.

IRELAND, Timothy: **Educação Básica e de qualidade para todos: MEC/SECAD: III Conferência Mundial de Relações Internacionais**. Brasília, 2006.

KLEIMAM, Ângela B. (org.) **Os significados do letramento: Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Mercado das Letras. Campinas SP. 1995.

_____. **Oficina de leituras: Teoria e práticas**. 11ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

LA TAILLE, Yves de, 1951. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenética em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

MARTINS, Maria Helena: **O que é Leitura**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MASAGÃO, Vera Maria. (org.): **Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular -1º segmento / coordenação e texto final (de) Vera Maria Masagão Ribeiro; — São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001.**

MEC/SECAD/DEJA/PBA: **Plano Estratégico de implantação ou Fortalecimento da Educação de Jovens e Adultos**: Araçagi, 2009.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 7ª Edição, Campinas, SP: Pontes, 2007.

PAIVA, Vanilda P. A educação dos adultos. In:____. **História da educação popular na Brasil:** educação popular e educação de adultos. 6. Ed. Ver. E ampl. São Paulo: Loyola, 2003. P. 185-333.

ROJO, Roxane (org) **Alfabetização e letramento: perspectivas lingüísticas.** Campinas, SP: Mercado das letras, 1998.

SAVIANI, Dermeval. **A nova lei da educação-LDB Trajetória, Limites e Perspectivas.** Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

SILVA, Claudia Maria de Andrade e; Brito, Fabiana Bartira e Souza (orgs). **Paulo Freire e Emília Ferreira:** Inspirações para a alfabetização de Jovens e Adultos. Disponível em: HYPERLINK "<http://WWW.fja.edu.br/praxis/praxiso2/documentos/ensaio4-pdf-similares>" WWW.fja.edu.br/praxis/praxiso2/documentos/ensaio4-pdf-similares. Acesso em 02 de Dezembro de 2010.

SOARES, Leôncio. Brasil Alfabetizado em foco: **Alfabetização de jovens e adultos: um pouco da história.** Disponível em:<HYPERLINK "<http://WWW.TVEBRASIL.COM.BR/SALTO/BOLETINS2003/BAF/TETXT1.HTM>"www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/baf/tetxt1.htm>. Acesso em: 18/10/2008

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 5ª Ed; 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

TEBEROSKY, Ana; Cardoso, Beatriz (orgs). **Reflexões sobre o Ensino de Leitura e da escrita.** 5ª Ed. Campinas, SP: vozes, 1993.

ANEXOS

ANEXO 01

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA COM A PROFESSORA DA TURMA

- 1) QUAIS DIFICULDADES APRESENTADAS PELOS ALUNOS EM RELAÇÃO À LEITURA E A ESCRITA?
- 2) FALE UM POUCO SOBRE A METODOLOGIA UTILIZADA EM SALA DE AULA.
- 3) QUAIS AS SUAS DIFICULDADES PARA O TRABALHO COM A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, MAIS ESPECIFICOS EM RELAÇÃO À TURMA ASSISTIDA?
- 4) QUE TIPO DE APOIO DIDÁTICO PEDAGÓGICO, A ESCOLA OFERECE AOS PROFESSORES DE EJA?
- 5) O MUNICÍPIO OFERECE CAPACITAÇÃO NA ÁREA DE EJA? SE TEVE, QUAL FOI? E VOCÊ PARTICIPOU?

ANEXO 02

RELAÇÃO DOS ALUNOS OBSERVADOS

GILMARA MANOEL DA SILVA

JARDIEL MANOEL DA SILVA

JOÃO BATISTA MANOEL DA SILVA

GILBERTO MAXIMINIO

GERALDA HERMINIO

FRANCICLAUDIO DA SILVA

JEANE GOMES

Observação: Os referidos nomes foram autorizados pelos alunos a serem divulgados.

ANEXO 03

TREINO ORTOGRÁFICO

MORADIA

SALÁRIO

EMPREGO

FAMÍLIA

ALIMENTAÇÃO

ESTUDO

ESCOLA

IDENTIDADE

LAVOURA

AGRICULTURA

ABACAXI

MANDIOCA

BATATA

SECA

DROGAS

ANIMAL

ANEXO 04

AS ATIVIDADES REALIZADAS PELOS ALUNOS

Lista de palavras.

- | | |
|---------------|------------------|
| 1 - maradia | 9 - brava |
| 2 - crabria | 10 - agricultura |
| 3 - imbriga | 11 - abacaxi |
| 4 - familia | 12 - moraca |
| 5 - alimentas | 13 - batata |
| 6 - estudo | 14 - urtica |
| 7 - brabo | 15 - dogas |
| 8 - Idiotica | 16 - animal |

Andiel Manoel da Silva

Lista de palabras

Liberto Maximino

- | | |
|-----------------|----------------|
| 1- moradia | 9- lanabela |
| 2- salario | 10- abricutura |
| 3- imputado | 11- Albasaki |
| 4- Kamelia | 12- madriasa |
| 5- Alimentación | 13- batato |
| 6- brúdas | 14- sêsa |
| 7- brêala | 15- arêlas |
| 8- identidade | 16- animal |

Ditados de Palavras

- | | |
|----------------|-----------------|
| 1. Maria Adia | 10. Agricultura |
| 2. Alario | 11. Alacaxi |
| 3. Inlega | 12. Madisca |
| 4. familia | 13. Katata |
| 5. alimentação | 14. Alico |
| 6. Altitude | 15. Draugas |
| 7. Escala | 16. Animal |
| 8. Fidelidade | |
| 9. Palavras | |

João
Batista

Dictado de Palabras | 17/11/2010 | Jane Jane

- 1 Maradía
- 2 Salario
- 3 Empleado
- 4 Familia
- 5 Alimentación
- 6 Estudo
- 7 Escola
- 8 Identidade
- 9 Lavoura
- 10 Agricultura
- 11 Abacati
- 12 Mandioca
- 13 Batata
- 14 Lecca
- 15 Progas
- 16 Animau

Produção de texto

Bilhete

di Batista Los Gilberto de Jesus

de Camrda Para Agite vai

de Agite Para Agite vidinli

Produção de Texto

chica

Bilhete

Gilberto, eu quero te convidar

para me ir para um festa do na festa

fique em oração

Tradição do texto. Bilhete

Gata vale azeitona e azeitona
aizunlaradia



vinard magul azeitona
Gata vale azeitona e azeitona



Arroz e azeitona



Arroz e azeitona
Arroz e azeitona



Produção de texto

De: Gilmaria Para Geraldina

Não sou quem quer a senhora nem muito

feliz mesmo eu estando longe de

quem quer saber que eu sei muito

Ser eu li por que eu não quero queira

recontar. eu quero que a senhora vai
sepre está dentro do meu coração